

LÍNGUA PORTUGUESA E LITERATURAS

- **TODAS AS QUESTÕES DESTA PROVA DEVEM SER RESPONDIDAS EM FORMA DE TEXTO.**
- **DÊ RESPOSTAS COMPLETAS.**
- **NÃO RESPONDA SOB A FORMA DE ESQUEMA, USANDO ITENS OU TÓPICOS.**

Apresentamos, a seguir, dois textos. O **Texto I** é um fragmento adaptado de uma reportagem de Beatriz Velloso, da revista **Época**, de 21 de outubro de 2002, pp.102-104. O **Texto II** é uma charge de Adão, publicada no encarte Folhateen, do jornal **Folha de S.Paulo**, de 14 de outubro de 2002, p.12.

Leia, com atenção, o **Texto I**.

Mauricinho bicho-grilo

Texto I

Quem mora em cidade grande certamente já viu alguns deles. São ricos, mas vestem-se como se não tivessem dinheiro. Gabam-se de passar férias em lugares subdesenvolvidos como a Guatemala, mas não abrem mão de voar na classe executiva. Nas rodas de conversa, mostram-se compadecidos com a miséria dos favelados cariocas ou das criancinhas vietnamitas, mas são capazes de pagar R\$ 110 por pessoa num jantar que inclui endívias orgânicas e vinho branco australiano da melhor safra. São os “bubos”, a nova elite financeira e intelectual dos centros urbanos. A expressão foi cunhada pelo jornalista americano David Brooks, de 41 anos, a partir dos prefixos de “burgueses e boêmios”, as principais características da tribo (em inglês, *bobos*, de *bourgeois* e *bohemian*). Ele é o autor de *Bubos no Paraíso*, livro que, lançado nos Estados Unidos no ano 2000, permaneceu semanas na lista dos mais vendidos e chega agora ao Brasil.

Brooks detectou o surgimento dos bubos no fim da década de 90 e diz que misturam características de seus antecessores, os *yuppies*, e dos *hippies*: são mauricinhos bichos-grilos. Propagandeiam os valores de liberdade e experimentação dos anos 60 (e, por esse aspecto, tornam-se boêmios), mas, na prática, querem mesmo é ganhar rios de dinheiro e viver no conforto (como bons burgueses). Pensam à esquerda e vivem à direita. “Eles moralizam a transgressão”, disse Brooks a *ÉPOCA*. “Diferentemente do que ocorria nos anos 60, na classe intelectual de hoje não há rebeldia.” No livro, Brooks só trata do fenômeno nos EUA. Mas a tendência é mundial. Na França, onde *Bubos no Paraíso* fez sucesso, há outra expressão para classificar o mesmo pessoal: *gauche-caviar* (esquerda-caviar). “Em qualquer país onde haja intelectuais ricos e acesso à informação globalizada, pode haver bubos”, diz Brooks. No Brasil, inclusive. É gente que estudou *design* gráfico em faculdades caras, como a PUC, mas faz projetos de favelas estilizadas e sempre defendeu Timor Leste. (...)

O livro relata as circunstâncias sociais que favoreceram o surgimento da cultura bubo. Na década de 60, a aristocracia deixou de ser apenas formada por famílias tradicionais, pois as universidades americanas passaram a valorizar alunos de diferentes origens sociais e culturais. Criou-se então uma meritocracia, em que vencem os donos dos melhores currículos escolares. “É assim há 40 anos”, diz Brooks. “O que mudou foi a maneira de pensar desta aristocracia baseada em bons diplomas.” Nos anos 60 e 70, pegava bem protestar pela paz. Nos 80, o que se buscava era dinheiro. Os bubos são como *yuppies* culpados: adoram ser ricos, mas envergonham-se de dizê-lo em público.

Não falta ironia na descrição do bubo arquetípico. “Eles sonham com justiça social, todavia vão para uma faculdade cujos custos podem alimentar uma aldeia de Ruanda durante um ano”, escreve Brooks. (...)

Mas bubos são superficiais e desprezíveis? “Não”, afirma Brooks. “Na verdade, sou um pouco bubo. Tenho profissão tipicamente bubo, que garante belo salário e ao mesmo tempo empresta um ar de intelectual criativo”, diz o jornalista. Segundo ele, essa elite traz algumas evoluções, se comparada a aristocracias anteriores. “A preocupação deles com os pobres não é de todo falsa, tanto que muitos fazem trabalho voluntário.” São menos preconceituosos e mais abertos a culturas consideradas exóticas – mesmo que isso signifique apenas assistir a um filme ucraniano para poder contar aos amigos ou deixar um CD raro, lançado apenas no Japão, dispendiosamente exposto na sala de estar. De bossa nova, é claro.

Grupos que marcaram a história dos Estados Unidos

Hippies

Tiveram seu auge no fim dos anos 60 e início dos 70. Pediam paz, celebravam o sexo livre, dançavam ao som do rock (400 mil pessoas participaram do Festival de Woodstock, em 1969) e protestavam contra a Guerra do Vietnã.

Yuppies

A década de 80 foi a vez da turma que gostava de ganhar muito dinheiro, usar terno, gravata e gel no cabelo. Trabalhavam na bolsa de valores ou em bancos de investimentos.

QUADRINHOS

TEMPOS BICUDOS



A partir da leitura dos **Textos I e II**, resolva as questões de **01 a 05**.

Questão 01

O **Texto I** faz referência à tribo urbana “os bubos”, que, segundo o jornalista americano David Brooks, marca nosso tempo. Observe as **relações** estabelecidas no quadro abaixo:

Nos EUA → bubos (*hippies/yuppies*)

Na França → *gauche-caviar*

No Brasil → mauricinho bicho-grilo

Agora, com base no **Texto I** (2º parágrafo), relacione as expressões usadas na França e no Brasil para explicar o significado do termo “bubos”.

LIMITE SUA RESPOSTA AO ESPAÇO ABAIXO.

Questão 02

Compare os **dois textos** e, resumidamente, faça um paralelo entre as gerações americana e brasileira das décadas de 60/70, 80 e 90.

LIMITE SUA RESPOSTA AO ESPAÇO ABAIXO.

Questão 03

O título do **Texto II** (“Tempos bicudos”) é construído a partir de um processo metafórico.

a) Explique o significado da expressão metafórica “tempos bicudos”.

b) A partir da comparação dos **Textos I e II**, **discuta** se o “mauricinho bicho-grilo” é um jovem dos “tempos bicudos”.

Questão 04

Releia o último parágrafo do **Texto I**:

“Mas bubos são superficiais e desprezíveis? ‘**Não**’, afirma Brooks. ‘Na verdade, sou um pouco bubo. Tenho profissão tipicamente bubo, que garante belo salário e ao mesmo tempo empresta um ar de intelectual criativo’, diz o jornalista. Segundo ele, essa elite traz algumas evoluções, se comparada a aristocracias anteriores. ‘A preocupação deles com os pobres não é de todo falsa, tanto que muitos fazem trabalho voluntário.’ São menos preconceituosos e mais abertos a culturas consideradas exóticas – mesmo que isso signifique apenas assistir a um filme ucraniano para poder contar aos amigos ou deixar um CD raro, lançado apenas no Japão, displicentemente exposto na sala de estar. De bossa nova, é claro.”

Comente a validade dos **argumentos** de David Brooks, para sustentar sua resposta à pergunta inicial – “Mas bubos são superficiais e desprezíveis?”.

Questão 05

Leia novamente o seguinte fragmento do **Texto I**:

“Os bubos são como *yuppies* culpados: adoram ser ricos, mas envergonham-se de dizê-**lo** em público.”
(3º parágrafo)

Explique o emprego do pronome (**l**)**o** no fragmento acima, considerando:

a) o aspecto gráfico (a mudança de **o** para **lo**).

b) o aspecto sintático-semântico.

c) **Reescreva** toda a sentença, **substituindo** o pronome “**lo**” por outra estrutura que mantenha as mesmas relações de referência.

Questão 06

O **Texto III**, a seguir, é um fragmento de uma entrevista de David Brooks (autor do livro *Bubos no Paraíso*, já citado no Texto I), publicada no caderno Ilustrada, p. E6, do jornal **Folha de S.Paulo**, em 05 de novembro de 2002.

Leia-o, atentamente, para responder à questão **06**.

Texto III

Folha – O senhor descreve o “bubo” como um fenômeno dos EUA. Os “bubos” não estão por toda parte?
Brooks – Depois que lancei o livro, percebi que sim. **Em todas as partes que fui**, me disseram que lá também existem milhares de “bubos”, sobretudo na França, onde o termo “bubo” se incorporou com grande força.

Do ponto de vista da **modalidade escrita formal**, há um desvio na construção em negrito.

a) **Identifique-o e explique** o princípio que foi violado.

b) **Reescreva** toda a sentença, ajustando-a à modalidade escrita formal.

Questão 07

Leia a estrofe 119 do Canto III, de *Os Lusíadas*.

“Tu, só tu, puro Amor, com força crua,
Que os corações humanos tanto obriga,
Deste causa à molesta morte sua,
Como se fora pérfida inimiga.
Se dizem, fero Amor, que a sede tua
Nem com lágrimas tristes se mitiga,
É porque queres, áspero e tirano,
Tuas aras banhar com sangue humano.”

CAMÕES, Luís de. In: TUFANO, Douglas. *De Camões a Pessoa*. SP: Moderna, 1994, p. 18.

A estrofe citada trata da morte de Inês de Castro. Por que o poeta épico, através de Vasco da Gama, atribui a culpa do assassinato ao Amor?

Questão 08

Leia, com atenção, as duas estrofes do poema de Castro Alves, “Sub tegmine fagi”, e comente em dois pequenos textos:

- a) a concepção de poesia que o fragmento apresenta.
- b) as imagens que fundamentam essa concepção.

“Amigo! O campo é o ninho do poeta...
Deus fala, quando a turba está quieta,
Às campinas em flor.
– Noivo – Ele espera que os convivas saiam...
E n’alcova onde as lâmpadas desmaiam
Então murmura – amor –

Vem comigo cismar risonho e grave...
A poesia – é uma luz...e a alma – uma ave...
Querem – trevas e ar.
A andorinha, que é a alma – pede o campo.
A poesia quer a sombra – é o pirilampo...
P’ra voar...p’ra brilhar.”

ALVES, Antônio de Castro. *Obra Completa*. RJ: Nova Aguilar, 1986, p. 100.

a) _____

b) _____

Questão 09

Leia com atenção o trecho abaixo, retirado de *O alienista*, de Machado de Assis, e responda à questão proposta.

“Mas o ilustre médico, com os olhos acesos da convicção científica, trancou os ouvidos à saudade da mulher, e brandamente a repeliu. Fechada a porta da Casa Verde, entregou-se ao estudo e à cura de si mesmo. Dizem os cronistas que ele morreu dali a dezessete meses, no mesmo estado em que entrou, sem ter podido alcançar nada. Alguns chegam ao ponto de conjecturar que nunca houve outro louco, além dele, em Itaguaí; mas esta opinião, fundada em um boato que correu desde que o alienista expirou, não tem outra prova, senão o boato; e boato duvidoso, pois é atribuído ao Padre Lopes, que com tanto fogo realçara as qualidades do grande homem. Seja como for, realizou-se o enterro com muita pompa e rara solenidade.”

ASSIS, J. M. Machado de. *Obra Completa*. RJ: Nova Aguilar, 1997, p. 288.

Comente o tratamento dado à loucura em *O alienista*, levando em conta o parágrafo transcrito.

Questão 10

No romance *Vidas secas*, de Graciliano Ramos, a sub-humanidade do personagem Fabiano deve-se não apenas à aridez do ambiente em que vive, mas também à sua incapacidade de dominar a linguagem verbal.

Faça um comentário, justificando a afirmação acima.

Questão 11

Leia o final do Epílogo de *Macunaíma*, de Mário de Andrade.

“E só papagaio no silêncio do Uraricoera preservava do esquecimento os casos e a fala desaparecida. Só o papagaio conservava no silêncio as frases e feitos do herói.

Tudo ele contou pro homem e depois abriu asa rumo de Lisboa. E o homem sou eu, minha gente, e eu fiquei pra vos contar a história. Por isso que vim aqui. Me acocorei em riba destas folhas, catei meus carrapatos, ponteei na violinha e em toque rasgado botei a boca no mundo cantando na fala impura as frases e os casos de Macunaíma, herói de nossa gente.

Tem mais não.”

ANDRADE, Mário de. *Macunaíma*. SP: Martins Fontes, 1969, p. 236.

A identificação do narrador, ao final da narrativa, permite apontar um traço muito importante da produção modernista, em termos de linguagem. Aponte este elemento e explique como ele aparece no texto.

Questão 12

Na narrativa de *Levantado do chão*, de José Saramago, observa-se a articulação entre ficção e história. Considerando isso:

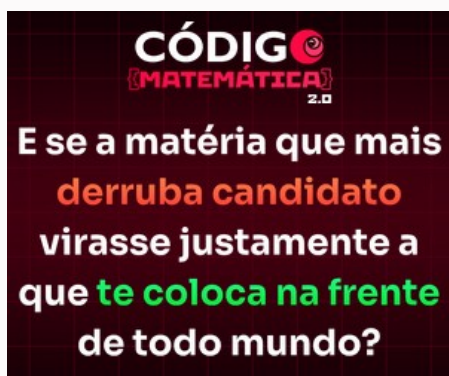
- a) cite o fato histórico culminante no enredo do romance.

- b) apresente o personagem da família Mau Tempo que testemunha esse fato histórico.

Cursos que Indicamos

Conheça os cursos e dê o próximo passo na sua preparação.

Clique na imagem ou no botão para acessar.



Código Matemática 2.0

Conhecer o curso



Curso Preparatório ENEM

Conhecer o curso



Curso Preparatório Redação ENEM

Conhecer o curso

